



Esta obra está sob o direito de Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

OS IMPACTOS CAUSADOS PELAS TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Gilda dos Santos¹
Marcia Cristina Queirós de Souza²
Alex das Chagas Rosa³
Maria Lúcia Pereira Silva Lima⁴
Jonas dos Santos Lima⁵

RESUMO

No mundo da tecnologia, Internet, redes sociais, tvs digitalizadas em alta resolução, Celulares, tablets, computadores e notebooks de última geração, se tona quase que impossível não ter contato direto com essas mídias digitais. Os jovens são os maiores consumidores dessa tecnologia, porém, as crianças têm acesso ainda muito pequenas e provavelmente os impactos são maiores, visto que seu cérebro e todo seu ser está em processo de desenvolvimento. São inúmeros os prejuízos desencadeados pelo uso das telas. Tais acessos trazem inúmeros malefícios a saúde psíquica, motora e social da criança. Habilidades que poderiam estar sendo desenvolvidas são retidas pelo uso desenfreado e recreativo as mídias digitais. São crescentes os casos de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) Ansiedade, depressão, distúrbios do sono, má alimentação irritabilidade, agressividade, dentre outros. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), em seu manual de orientação, recomenda-se que as crianças menores de 2 anos de idade devem ser privadas da exposição as telas e as crianças de 2 e 5 anos devem ter o tempo de acesso limitado ao máximo de 1h por dia, sempre com acompanhamento dos responsáveis. Partindo do pressuposto, o presente artigo tem como objetivo avaliar a exposição as telas, os perigos causados pelo uso excessivo e precoce no desenvolvimento infantil das crianças de 0 a 6 anos de idade e informar pais, professores e sociedade em geral os malefícios que esse uso desordenado pode acarretar as crianças da primeira infância. A pesquisa metodológica foi de cunho descritiva e exploratória com base em referências bibliográficas, sendo considerada como qualitativa.

Palavras-chave: Impacto. Telas. Primeira Infância. Desenvolvimento Infantil.

¹ E-mail: sgilda54@gmail.com

² E-mail: queirozmarciacristina466@gmail.com

³ E-mail: prof.alex.chagas@frm.edu.br

⁴ E-mail: luciapereira.naty@hotmail.com

⁵ E-mail: jonaslima183@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho científico é resultado dos nossos debates e reflexões em sala de aula na fase final do curso de formação de professores da Faculdade Raimundo Marinho – Penedo AL. Neste sentido, surgiu “O impacto causado pelas telas na primeira infância” em combinação com uso precoce e excessivo das telas pelas crianças pequenas de 0 a 6 anos de idade. Onde, com o aprofundar da pesquisa podemos denominar “crianças pequenas” como “primeira infância”.

Neste contexto, o presente artigo tem embasamento teórico na Organização Mundial da Saúde (OMS), Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Michel Desmurget (2021), autor do livro “A Fábrica de Cretinos Digitais: O Perigo das telas para nossas crianças”. Dentre uma seleção de artigos relacionados ao tema. Para isso, foi utilizado a metodologia descritiva e exploratória com base em referências bibliográficas, sendo considerada como qualitativa.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) alerta que “os primeiros 1000 dias são importantes para o desenvolvimento cerebral e mental de qualquer criança, assim como os primeiros anos de vida, a idade escolar e durante toda fase da adolescência”. O fato de estarmos vivendo

em um mundo envolto da tecnologia, digitalização e midiático nos causa curiosidade acerca dos prejuízos que essa exposição constante possa vir a causar no desenvolvimento infantil das crianças da primeira infância.

Segundo Desmurget, (2021, p. 46):

As crianças de menos de 2 anos dedicam, em média, a cada dia, cinquenta minutos as telas. [...] Representando 8% da duração da vigília de uma criança e 15% de seu tempo “livre”, ou seja, do tempo disponível quando removidas as atividades “forçadas”, tais como a de comer, vestir-se, tomar banho ou trocar fraldas.”

Esse alto índice do uso precoce e em excesso das telas traz inúmeros malefícios ao desenvolvimento cerebral, mental, motor e social da criança. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) as crianças menores de 2 anos de idade devem ser privados da exposição as telas, pois às mesmas tem dificultado no desenvolvimento cognitivo e motor. Dessa forma, conclui-se que quanto maior o tempo de exposição as telas, pior o desenvolvimento cognitivo.

Partindo do pressuposto, o artigo tem como objetivo avaliar a exposição as telas, caracterizar os impactos causados pelas mesmas nas crianças da primeira

infância e informar os perigos do uso precoce e excessivo aos pais, professores e demais membros da sociedade e nesta perspectiva, são amplamente, debatidas as ideias e teorias que sustentam o tema, tais como; as telas na era digital, primeira infância e desenvolvimento infantil e o perigo das telas na primeira infância.

2 AS TELAS NA ERA DIGITAL

Nos dias atuais, o acesso as mídias digitais possibilitaram o uso em massa das pessoas as telas, é de se esperar que o mundo passasse a ser tecnológico e digitalizado. É cada vez mais frequente o uso da tecnologia no cotidiano das pessoas. Por meio de um clique se pode ir a lugares nunca vistos, disseminar informações em tempo real e conhecer novas pessoas sem ao menos sair de casa. As mídias digitais favoreceram e muito a comunicação, o conhecimento e o avanço da tecnologia. Mas afinal o que são as telas ou mídias digitais?

No contexto do mundo moderno, as telas, antes restritas à televisão, evoluíram para dispositivos de mídias como smartphones e tablets, e fazem parte do cotidiano de pessoas de diferentes níveis sociais e faixas etárias, inclusive crianças em idade cada vez mais precoce. (ARANTES, 2021).

De acordo com Lima e Ferreira (2022) “As tecnologias são uma realidade do século XX, e cada ano torna mais comum o uso dessas mídias digitais, brinquedos robóticos, tablets, e hoje as crianças estão cada vez mais inseridas nesse cenário digital”, pois esse é um conjunto diversificado de ferramentas ricas em informações que requerem o potencial dos dados para construir o aprendizado. Possibilitando um enfoque fundamental que contribui com a educação e o desenvolvimento das crianças.

Na visão de Desmurget (2022):

As práticas das jovens gerações se articulam prioritariamente em torno de atividades recreativas, que são básicas e pouco instrutivas: programas de televisão, filmes, séries, redes sociais, videogames, sites comerciais, clipes musicais, vídeos diversos” (2022, p. 25,).

Ao utilizar esses dispositivos de forma educativa por meio de aplicativos infantis o uso das telas de certa forma é uma alternativa muito utilizada para conseguir deixar as crianças quietas. Os pais, responsáveis, professores etc. se beneficiam, pois, a criança fica “hipnotizada” diante das telas e assim os deixam livres da responsabilidade do cuidado constante.

Poucos pais/responsáveis sabem que o uso excessivo e precoce das telas digitais desencadeia em inúmeros prejuízos a saúde cerebral, mental, cognitiva, motora e social da criança, ocasionando atrasos no desenvolvimento infantil.

Paiva e Costa (2015), deixa claro que:

Nesse sentido, os dispositivos eletrônicos tais como: tablets, computadores, celulares de última geração e jogos eletrônicos fazem parte do processo de industrialização, tal crianças, já que o sedentarismo é inerente ao processo de automação gerada pela tecnologia.

Mesmo antes de saber ler e escrever as crianças aprendem a manusear o celular, tablete, televisão e até computadores com acesso à internet, utiliza plataformas sociais como o *YouTube*, aplicativos, jogos, vídeos e desenhos animados. Com tantas atividades recreativas diante das telas fica difícil o brincar, correr, pular, exercitar o corpo e assim caindo no sedentarismo e/o obesidade. Ou seja, a tecnologia já faz parte da vida das crianças, neste sentido é fundamental que os responsáveis controlem o uso dos equipamentos por partes dos menores.

3 PRIMEIRA INFÂNCIA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Na primeira infância, marcada pela faixa etária de 0 a 6 anos de idade, as crianças são expostas de forma precoce as mídias digitais. Esta ferramenta de informação e comunicação lançou as bases na primeira infância para melhorar o desenvolvimento cognitivo, as habilidades psicomotoras e revigorar os conceitos de aprendizagem. Não são apenas as crianças menores de 6 anos que tem acesso a essa tecnologia. Também, os pais, professores e cuidadores matem contanto constante, é através deles que acontece a exposição das telas ao público infantil.

Segundo Arantes (2021): “Embora o acesso as informações e a presença de tecnologia na sociedade sejam de grande valia, esses não garantem o crescimento intelectual e a promoção do viver saudável.”

Para Brasão (2022): “A infância é um período do desenvolvimento humano, no qual são lançadas as bases da personalidade, desenvolvidas habilidades cognitivas, aquisição da linguagem, capacidade de interpretação, reconhecimento do objeto e planejamento executivo”.

É nesse período que a criança se reconhece como ser racional, dotado de habilidades, capaz de construir seu

“mundo”. Se ver como protagonista da história, quando de fato o é. É também nessa fase em que ela aprende a andar, falar, reconhecer expressões faciais e associá-las aos sentimentos e emoções, momento de potencializar suas habilidades motoras, corporais, artísticas e morais.

Sobre o uso das telas, há pontos negativos e positivos. Não se pode negar os inúmeros benefícios e o grande potencial dessas tecnologias, que representa a chance de estimular o desenvolvimento infantil e impedir que as modificações biológicas e psicossociais da criança sejam prejudicadas. Assim, “para que o desenvolvimento neuropsicomotor, e nossas redes neurais se forme corretamente, o ser humano tem etapas a serem cumpridas, com os estímulos adequados a cada faixa etária” (FERNANDES, EISENSTEIN, SIILA, 2018).

Segundo Colman e Proença, (2020):

Nesse período a criança possui marcos evolutivos para o seu desenvolvimento global. [...] Nessa fase, percebe-se o dobro de sinapses, ou seja, circuitos neurais ligados a neurônios que conduzem as informações, ao cérebro, sistema nervoso central e organismo. [...] A medida que as crianças são estimuladas, o cérebro percebe as conexões que são mais

utilizadas e dão formas a memória. As demais sinapses e neurônios que não são utilizados, serão eliminados por meio da poda neural que um processo natural do cérebro o qual acontece durante toda a vida como uma forma de manter a saúde do mesmo.

De acordo com a análise de Grasso (2016): “Durante a primeira infância ocorre saltos de desenvolvimento e aprendizagem, período sensível para várias atividades, para apropriação do seu corpo, das relações do mundo”. Nessa fase a criança passa a ter a percepção do mundo interno e o mundo ao seu redor, se reconhecendo como pessoa, ser social. “Ao analisarmos a trajetória de vida humana, desde os primeiros dias após o nascimento até a conclusão das primeiras etapas da maturação, destacam-se dois pontos; o crescimento e desenvolvimento, como indicador para a avaliação dos ganhos percentis.” (SANATANA, RUAS, QUEIROZ, 2021).

O uso prolongado de telas na infância pode retardar o desenvolvimento físico e mental de uma criança e até causar vícios ao longo da vida. Estabelecer padrões e regras é assunto para adultos, sendo assim, é válido salientar que o uso em excesso, precoce e de forma recreativa dessas ferramentas prejudica o desenvolvimento da criança podendo levar a distúrbios mentais, emocionais e transtorno de

aprendizagem. As famílias devem monitorar ativamente e impor limites no uso excessivo das telas, como também dar exemplos diminuindo o máximo a exposição das tevês, computadores, *notebooks* e *smartphones*.

Embora o uso da tecnologia seja quase obrigatório na atualidade. Por outro lado, começamos a ver tais problemas atingindo as crianças, mas também, os jovens, pois, eles são os maiores consumidores das tecnologias. “O tempo diante das telas ainda aumenta sensivelmente, em especial sob o efeito da generalização dos *smartphones*. O consumo digital diário atinge então 7h 22” (DESMURGET, 2022, p. 52). Neste aspecto, quanto mais aparelhos digitais em casa, maior o consumo deles.

“Para estancar a exposição digital das crianças, há uma excelente solução que consiste em retirar as telas de seu quarto de dormir e atrasar ao máximo possível o momento em que terão seu arsenal pessoal de dispositivos moveis diversos.” (DESMURGET, 2022, p. 52-53,).

Partindo dessa premissa, é necessário, novamente enfatizar que o uso correto da tecnologia pode ser um aliado em combinação com outros meios de percepção do mundo exterior. Alguns aplicativos e jogos são desenvolvidos especificamente

para crianças e podem estimular tanto seu desenvolvimento cognitivo, imaginação e uso da linguagem. Foi comprovado pela Organização Mundial de Saúde, em recente versão da Classificação Internacional de Doenças, CID-11, que jogos de videogames considerados perigosos são causadores de fatalidades, coma, pneumonia, asfixia e outros acidentes decorrente dos jogos de provação e violência. Denominado de distração passiva, resultado da pressão pelo consumo e publicidade das indústrias de entretenimento, o que é muito diferente do brincar ativamente, um direito temporal de todas as crianças e adolescentes. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019-2021).

4 O PERIGO DAS TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Segunda a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019-2021) em seu manual de orientação (grupo de trabalho saúde na era digital) o uso excessivo e precoce das crianças da primeira infância as telas tem como consequências: Dependência Digital e Uso Problemático das Mídias Interativas, Problemas de saúde mental: irritabilidade, ansiedade e depressão, Transtornos do déficit de atenção e hiperatividade, Transtornos do sono, Transtornos de alimentação: sobrepeso/obesidade e

anorexia/bulimia, Sedentarismo e falta da prática de exercícios, *Bullying* (atos de intimidação e práticas de violência contra pessoas indefesas) e o *cyberbullying* (atos de intimidação e práticas de violência contra pessoas indefesas através da internet) Transtornos da imagem corporal e da autoestima, Riscos da sexualidade, nudez, *sexting* (uso de cenas de nudez online), sextorsão (ameaças ou extorsão de exposição de cenas de nudez de terceiros na internet), abuso sexual, estupro virtual, Comportamentos autolesivos, indução e riscos de suicídio, Aumento da violência, abusos e fatalidades, Problemas visuais, miopia e síndrome visual do computador, Problemas auditivos e PAIR - perda auditiva induzida pelo ruído, Transtornos posturais e músculo-esqueléticos, Uso de nicotina, *vaping* (cigarros eletrônicos), bebidas alcoólicas, maconha, anabolizantes e outras drogas.

Segundo, Costa; Almeida (2021): “Devido a fragilidade e sensibilidade do cérebro em desenvolvimento, recomenda-se que a tecnologia deva ser restringida durante os primeiros anos de vida.”

Em acordo com a sociedade Brasileira de Pediatria (2016) as crianças menores de 2 anos de idade devem evitar a exposição as telas, mesmo passivamente. Crianças com idade de 2 a 5 anos, limitar o

tempo de tela ao máximo de uma hora ao dia, sempre com supervisão de pais/cuidadores/responsáveis. Dá mesma forma, crianças com idade entre 6 e 10 anos o tempo máximo de acesso as telas devem ser de 1h a 2h ao dia. Os bebês que ficam expostos passivamente ou por períodos prolongados tem retardamento da fala e da linguagem. É sabido que o desenvolvimento precoce da fala e da comunicação são necessários para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais. Bebês expostos antes dos 4 meses de idade pode trazer consequências negativas para o desenvolvimento do sistema nervoso. É necessário enfatizar a necessidade de supervisão competente por um adulto responsável na navegação com crianças no ambiente digital.

Partindo dessa premissa, Dunckely (2019) define que:

Os efeitos negativos do uso excessivo da tela podem se estender a outros estágios de desenvolvimento. Tal uso estaria associado a queixas cada vez mais frequentes de dificuldades de sono, sedentarismo e obesidade, distúrbios comportamentais e neuropsiquiátricos, sem recontar o risco de exposição a conteúdos impróprios para cada faixa etária. Ao mesmo tempo é preciso cautela, uma vez que o tempo interativo frente a uma tela funciona como estimulante para o

sistema nervoso central, cujos efeitos comprometem diferentes processos corporais e cerebrais

Crianças que passam muito tempo em dispositivos eletrônicos acabam desconectando seus cérebros de estímulos externos, fixando sua atenção nos dispositivos a sua frente, perdendo toda interação com o meio e por consequência o retardamento na atenção, concentração e na área cognitiva. Em geral, a atitude das crianças em relação às telas é passiva. O interesse e a atenção são mantidos por meio de estímulos múltiplos e contínuos, cujos resultados seguem uma lógica imediata.

Na comunicação digital, a reação é instantânea, o que deixa pouco espaço para pesquisa, imaginação, percepção e interpretação do conteúdo apresentado (habilidades necessárias e importantes para a leitura). Com a rapidez com que as coisas no mundo digital funcionam as crianças tendem a querer reproduzir na realidade. Desejam ser o personagem do desenho, aprendem a canção que viu e ouviu no vídeo animado e reproduz comportamentos ansioso, agitado e até agressivo, quando são retirados os respectivos estímulos. E, tudo isso tem tido amento significativo após o período agudo da pandemia de covid-19.

Conforme Frizzo (2022):

A pandemia COVID-19 também trouxe mudanças no uso de telas por adultos e crianças. Forçados a ficar em casa em função de regras do distanciamento social, no Brasil com o longo fechamento das escolas, as famílias se viram sem a opções de como cuidar das crianças.

Dessa maneira, houve um expressivo aumento a exposição das crianças às telas. As atividades laborais e escolares passaram a ser realizadas remotamente, e o uso de aparelhos eletrônicos era uma ferramenta necessária para um estilo de vida remoto. Crianças e jovens passaram a usar rotineira e excessivamente os eletrônicos para aprendizado, interação social e lazer. Mesmo após o retorno às atividades presenciais, desencadeou-se uma rotina com maior dependência dos eletrônicos, gerando assim, aumento dos problemas de saúde.

“No período escolar infantil a situação é bem diferente. Aulas e encontros remotos foram incentivados, mesmo em condições de desconforto, a exposição ineficaz de crianças pequenas às tecnologias digitais é desencorajada pelos profissionais de Saúde e Educação” (HANSEN, 2020). No pico do período pandêmico Covid-19, além do estresse do confinamento, esse momento suscitou

dúvidas, negativas e perplexidade diante da necessidade emergencial das atividades remotas, incluindo trabalho e o ensino em suas dimensões, os professores e familiares estavam diante de um grande dilema, como trabalhar com o público da educação infantil, fundamental, médio e até o nível superior?

Embora seja fácil até imaginar como os jogos e brincadeiras são utilizados nas salas de aula da educação infantil, da mesma forma, torna-se difícil imaginar a mesma situação no ensino a distância.

Quando a educação é ministrada em sala de aula os professores podem criar com riqueza de detalhes atividades lúdicas que não são apenas divertidas para as crianças, mas também uma oportunidade de se conectar com elas e aproveitar o processo educacional. É necessária uma interação moderada as mídias digitais e esforço de todos os envolvidos, incluindo escolas, professores, pais e responsáveis legais. Neste aspecto a reflexão de (DESMURGET, 2022, p.63) deixa claro qual a real necessidade das crianças que precisam de palavras, sorrisos, carinhos, encorajamento; experimentar, mobilizar seu corpo, correr, pular, tocar, brincar, manipular formas. Precisam observar o mundo a sua volta e interagir com outras crianças”. Quando expostos em grandes

períodos prolongados ou antes da faixa estaria adequada as crianças e adolescentes ficam mais frágeis a percepções das emoções. Não sabem lidar com decepções, fracassos e frustrações, se sente impotentes ao extremo, tristes, depressivos, sem perspectiva de vida e muitos adolescentes e jovens tentam suicídio por não saberem lidar com ciclo do tédio, com a solidão.

O cérebro da criança da primeira infância que usa telas é um cérebro muito estimulado. Logo, essa criança passa a ser mais desatenta, e mais suscetível às mudanças de comportamento e nas relações sociais. Ao mesmo tempo, a estimulação *off-line*, através das brincadeiras, jogos e relacionamentos são insubstituíveis. Da mesma forma, é importante compreender que a tecnologia não pode ser vista simplesmente como uma vilã. O seu uso correto e adequado, pode ser um aliado em combinação com outros meios de percepção do mundo exterior, e assim, ampliar os processos de ensino-aprendizagem.

Nesta perspectiva, é primordial para o desenvolvimento cognitivo e cerebral da criança que ela tenha boa alimentação, contato com a natureza, animais, esteja em movimento, faça algum exercício físico, aprenda a tocar alguns instrumentos, músicas e brinquedos; a leitura, escrita e desenhos são de suma importância. A ideia

não é que fique sozinha em frente as telas, mas sim, que a criança consiga interagir com a família, amigos e o meio social.

5 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa qualitativa vai em busca das questões subjetivas do fenômeno sendo um “conjunto de práticas que transformam o mundo visível em dados representativos, incluindo notas, entrevistas, fotografias, registros e lembretes. Os pesquisadores qualitativos buscam entender um fenômeno em seu contexto natural” (CRESWELL, 2014).

Desta forma, a pesquisa qualitativa se mostrou como meio de entender, investigar de forma detalhada o fenômeno causado pelo impacto das telas na primeira infância; codificar e caracteriza os perigos das telas no desenvolvimento infantil. Para Menezes (2019), a pesquisa de cunho qualitativo caracteriza a interpretação do pesquisador como tendo importância fundamental, pois não se trata apenas de um conjunto de informações fechadas.

Por tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica e exploratória como procedimento para coleta de informações e melhor compreensão do fenômeno, tendo como objetivo trazer ao texto um embasamento teórico mediante as afirmações das hipóteses. A nossa pesquisa

teve início a partir de vídeos, postes na internet e publicações avulsas, em combinação com os debates em aula, em seguida surgiu o tema e sua delimitação, problema a ser resolvido, objetivos, somente depois surgiu a busca por referenciais teóricos, tais como: artigos científicos, livros, revistas e sites, que estivessem relacionado ao tema. Neste caso, trabalhamos com 11 artigos científicos, 2 livros digitais e 1 livro impresso, materiais que deram suporte ao nosso artigo.

Sobre o conceito de pesquisa bibliográfica relata Severino (2013):

[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados”. [...]. A pesquisa exploratória é uma preparação para a pesquisa explicativa. Busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto (SEVERINO, 2013).

Logo, utilizamos a pesquisa exploratória e explicativa para chegar ao objetivo proposto no início de nosso trabalho. Dessa forma foi possível a utilização de recursos tecnológicos como

celular, notebook, computador, impressora para impressão de artigos; livros digitais e impressos, dentre pesquisas avulso.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na visão de Arantes (2021): “O uso de dispositivos móveis está em ascensão entre as crianças na primeira infância. Atualmente, as crianças começam a interagir com tecnologias aos 4 meses de idade.” Seguindo a mesma perspectiva afirma Desmurget, (p. 45, 2022): “No momento em que a criança está em pleno desenvolvimento, o tempo monopolizado pelos consumos precoces das telas digitais se revela bastante extravagante entre dois Períodos, os primeiros 24 meses de vida e dos 2 aos 5 anos de idade”

Na atualidade, infelizmente observa-se o aumento significativo de crianças com atrasos na linguagem; na fala, ansiedade, insônia, obesidade e tantos outros transtornos de aprendizagem e psíquicos. Foi percebido de acordo com a pesquisa que são inúmeros os impactos que as telas podem causar na vida das crianças 0 a 6 anos de idade e nas demais faixas etárias. “O estudo Common Sense Media’s Nationwide Suvey realizado em 2013 mostrou que cerca de 72% das crianças entre 0-8 anos tinham contato com esses dispositivos. Em 2011, esse percentil foi de

38%, em 2011 aumento de 10% entre as crianças menores de 2, e 38% em 2013” (ARANTES, 2021).

Desde a terna idade (do bebê ao adulto) há, estudos que relata quão prejudicial à saúde humana é o uso precoce e excessivo das telas. Santana; Ruas; Queiroz (2021) afirma que “A luz de Led, emitida pelos dispositivos eletrônicos, prejudica o sono das crianças ao deixá-las mais alertas, estudos comprovaram a redução de melatonina, o hormônio do sono, em indivíduos superexpostos, trazendo implicações para o crescimento e desenvolvimento infantil. [...]” No adulto um estudo demonstrou que o risco de desenvolver o mal de Alzheimer aumenta 30% por cada hora diária suplementar de televisão após levar em conta as covariáveis conhecidas por sua ligação coma evolução dessa patologia [...]” (DESMURGET, 2021, p.79).

Além dos pontos negativos encontrados, destaca-se os pontos positivos do uso da tecnologia da vida humana. É através da tecnologia que se pode ter acesso mais rápido a informação e em tempo real, é ela quem possibilita a interação social, mesmo que através das telas, o conhecimento de novas habilidades, culturas, realidades e pessoas. Não esquecendo de como ela foi fundamental

durante a restrição social no período de pandemia da covid-19. Neste aspecto, as mídias digitais possibilitaram o acesso à escola, a aprendizagem das crianças e a interação com os colegas.

Durante o desenvolvimento da nossa pesquisa, percebemos que, não somente o uso precoce e em excesso das telas são prejudiciais a crianças da primeira infância, mas o uso inadequado, recreativo “A média de exposição é superior ao tempo recomendado, segundo alguns estudos. A literatura mostra que 75% das crianças entre 2 e 3 anos de idade excedem o tempo de uso em relação ao uso de mídia” (ARANTES, 2021). Tal uso tem desestimulado a área cerebral cognitiva da criança. Com tamanha exposição e tamanhos malefícios caudado a saúde infantil surgem uma indagação: o que esperar das futuras gerações? Logo nos é possível imaginar mediante os efeitos encontrados relacionado ao tema investigado. É provável que a criança do futuro seja mais propensa a problemas de saúde física, psíquica, com inúmeros transtornos de aprendizagem e de baixo QI. Sendo assim, “os estudos concordam entre si, que o uso de tecnologias por crianças necessita da mediação dos pais, visto que elas por serem ainda muito pequenas não conseguem discernir entre o bom e o ruim, sendo papel dos pais supervisionar, cuidar e

colocar limites nesse contato [...]” (COSTA; ALMEIDA, 2021).

Sabe-se que a tecnologia permanecerá cada vez mais necessária no dia a dia das pessoas e comunidades, o que torna mais urgente a instrumentalização dos profissionais para os efeitos negativos que a exposição prolongada poderá impactar na vida das crianças e suas famílias.” (SANTANA; RUAS; QUEIROZ, 2021).

Diante desta revolução informacional sem precedentes, a escola, a família, e a sociedade como um todo, devem assumir cada um, seus papéis para um estabelecimento harmonioso das relações e práticas humanas com o mundo digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, após a análise profícua dos artigos em pauta, destacaram os seguintes aspectos: as telas na era digital, primeira infância e desenvolvimento infantil e o perigo das telas na primeira infância. Cada uma das seções tendo conhecimento fundamentado dos artigos e revistas científicas, como também em livro impresso e digital.

Portanto, é de suma importância entender os impactos do uso precoce e desenfreado das telas para o desenvolvimento das crianças da primeira infância, como também avaliar a exposição

as telas, caracterizar tais impactos causados nas crianças 0 a 6 anos de idade e informar os perigos do uso precoce e excessivo aos pais, professores e demais membros da sociedade. Assim, o presente artigo não tem a pretensão de concluir com um ponto final, mas um ponto continuativo que direcione os leitores e pesquisadores a dar continuidade a temática aqui abordada, a partir de novos estudos para aprofundamento dessa importante temática em busca de soluções de como minimizar o uso de telas com medidas alternativas que contribuam para o pleno desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Maria do Carmo Batista. **Exposição e uso de dispositivo de mídia na primeira infância.** Artigo Original. Distrito Federal, p. 1-18, 2021.
- BRASÃO, Mauricio dos Reis. **A onipresença das telas e seus perigos.** Revista Profissão Docente, Uberaba, v. 22, n.47, p.01-07, jan. 2022.
- COLMAN, Danielli Taques; PROENÇA, Sirlei de. Tempo de tela e a primeira infância. In: JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS. 18., out., Ponta Grossa, **Anais** [...] v.18, n.1, p. 1- 4. 2020.
- COSTA, Larissa Silvano; ALMEIDA, Maria Paula Pereira Matos de. **A substituição do brincar:** implicações do uso de tecnologias por crianças de 0 a 2 anos. Santa Catarina. p. 1-22, 2021.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa:** escolhendo entre cinco abordagens. 3ª edição. Porto Alegre: Editora Penso. 2014.
- DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais:** o perigo das telas para nossas crianças. 1 ed. 3 reimp. São Paulo: Ed. Vestígio, 2021.
- DUNCKLEY, Victoria L. **Síndrome da Tela Eletrônica: prevenção e tratamento.** In: Young Kimberly, Abreu Cristiano Nabuco (org). Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2019. Disponível em: <<https://viewer.biblioteca.binpar.com/viewer/9788582715321/capitulo-12-sindrome-da-tela-eletronica-prevencao-e-tratamento>> Acesso em 12 out 2020.
- FERNANDES, Claudia Mascarenhas; EISESTEIN, Evelyn; DA SILVA, Eduardo Jorge Custódio. **A criança de 0 a 3 anos e o mundo digital.** 2018. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/A_CRIANCA_DE_0_A_3_ANOS_E_O_MUNDO_DIGITAL.pdf. Acesso em: 21 set. 2022.

FRIZZO, Giana Bitencourt. O uso de telas na primeira infância: o que mudou na pandemia COVID-19 e que lições ainda temos a aprender? SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**. Porto Alegre/RS. P. 1-3, abr.-jun. 2022.

GRASSO, Juliana. Mídias Digitais e Infância: Cuidados para um uso consciente. In: SEMANA DE VALORIZAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA E CULTURA DA PAZ. 9, 22-24 nov, **Anais [...]** Brasília, 2016. Disponível em: <https://www.interlegis.leg.br/comunicacao/eventos/2016/11/ix-semana-de-valorizacao-da-primeira-infancia-e-cultura-da-paz>. Acesso em: 12 de nov. 2022.

HANSEN, Roger. A educação infantil em tempos de pandemia. **Acadêmico Florença**, Florianópolis, 05 jun. 2020. Disponível em: <https://www.colegiovlorenca.com.br/blog/educacao-infantil-tempos-pandemia/>. Acesso em: 22 de novembro 2022.

LIMA, Álida Fernanda Pereira Rocha de; FERREIRA, Bruna Milene. Geração nascida na era digital: a ciberdependência na infância. **Rev. Acadêmica Educação e Cultura em Debate**. Goiás. v. 8, n. 2, p. 1-8. jul./dez. 2022.

MENEZES, Afonso Henrique Novaes et al. **Metodologia científica teoria e aplicação na educação a distância**. Petrolina: Unifasv, 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Para crescerem saudáveis, crianças precisam passar menos tempo sentadas e mais tempo brincando: **OPAS/OMS**, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5919:para-crescerem-saudaveis-criancas-precisam-passar-menos-tempo-sentadas-e-mais-tempobrincando&Itemid=839>. Acesso em 01 set 2022.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto; COSTA, Johnatan da Silva. **A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?** Psicologia.PT o portal dos psicólogos. Teresina- Piauí. p.01-13, jan. 2015.

ROCHA, Maressa Ferreira de Alencar et al. **Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura**. Research, Society and Development, v. 11, n. 4, 2022.

SANTANA, M; RUAS, M.; QUEIROZ, PHD. **O impacto do tempo de tela no**

crescimento e desenvolvimento infantil.

Revista Saúde em Foco, Amparo, ed. 14, p.169-179, 2021. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/saude-em-foco/2021-2/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim.
Metodologia do trabalho científico. 1 ed. São Paulo, Editora Cortez, 2013.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação**, Grupo de Trabalho **SBP**. Saúde na Era Digital. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246cManOrient___MenosTelas___MaisSaude.pdf. Acesso em 23 de dez 2022.